



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
PROFESSOR ORIENTADOR: MSc. LUIZ CLÁUDIO FERREIRA
ÁREA: PRODUTO - DOCUMENTÁRIO

BRUNO LOURENÇO ANTUNES DE OLIVEIRA
MARCELA MACEDO FRANCO OSÓRIO

SOTAQUE CAPITAL
DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO SOBRE A LINGUAGEM EM BRASÍLIA

BRASÍLIA
2013



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS

BRUNO LOURENÇO ANTUNES DE OLIVEIRA

RA 2100686/8

MARCELA MACEDO FRANCO OSÓRIO

RA 2103887/1

SOTAQUE CAPITAL

DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO SOBRE A LINGUAGEM EM BRASÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.
Orientador: Professor MSc. Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2013

BRUNO LOURENÇO ANTUNES DE OLIVEIRA
MARCELA MACEDO FRANCO OSÓRIO

SOTAQUE CAPITAL
DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO SOBRE A LINGUAGEM EM BRASÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.
Orientador: Professor MSc. Luiz Cláudio Ferreira

Banca Examinadora

Professor Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Professora Edla Lula
Examinadora

Professora Claudia Busato
Examinadora

BRASÍLIA
2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos brasilienses mais humildes que – com ou sem sotaque – não tem voz.

Bruno Lourenço Antunes de Oliveira

Dedico este trabalho, primeiramente, às pessoas que por ventura estiverem o lendo. Se despertar o seu interesse e te ajudar em alguma questão, já posso dizer que valeu a pena. Em segundo lugar, gostaria de dedicar aos meus pais, com o objeto de demonstrar que todo o esforço para pagar uma faculdade cara durante esses anos também não foi à toa. Ah, não poderia me esquecer de dedicar também ao Renan Antunes de Oliveira, pai biológico do Bru, que nos deu a maior força cedendo equipamentos de trabalho dele para nos ajudar a construir o filme. E, claro, à família da Paps, minha melhor amiga, que estava em Florianópolis e foi até o fim do mundo para encontrar com o Renan e trazer a mochila de tranqueiras tecnológicas para nós dois. Isso foi realmente muito importante!

Marcela Macedo Franco Osório

AGRADECIMENTOS

Quando deixei um curso em que estava prestes a concluir para começar do zero com o Jornalismo, sabia que não seria fácil. As dificuldades foram contornadas e superadas com a ajuda de muitos. Agradecer a todos com certeza seria quase tão complicado como a realização deste trabalho. Muito obrigado aos que de uma forma ou de outra colaboraram nesta nova jornada.

Porém, não posso deixar de agradecer algumas pessoas em especial. Minha mãe, jornalista, meu pai, fotógrafo e meus irmãos que me inspiram e incentivam desde sempre. Obrigado também aos professores do UniCeub, Luiz Claudio e Edla Lula, profissionais impecáveis e que com certeza estão no rol de melhores professores da minha vida. Ainda no Ceub, agradeço ao Samuca e ao Gleydson, por terem sido tão pacientes e competentes em todas as edições e ao Gélío e Davi pelo apoio na coordenação.

Aos meus eternos chefes, Ênio Roberto Ignácio, Harry Klein e Irene Lôbo e ao pessoal da Dow Jones, em especial ao Tony, que também é um grande professor.

Aos amigos, Felipe Victor, Lucca Farinasso, Heitor Heffner, Marcus Brandão, Bruno Carvalho, Yuri Coppe, William de Brito, Gabriela Cunha, Luiza Folle, Natália Carneiro e muitos outros.

Mesmo com tantas pessoas, esses agradecimentos, assim como esse trabalho e a minha vida, nunca ficariam completos sem a presença de Marcela Franco, que além de amiga, namorada e coautora uma pessoa fantástica que me ensina muito todos os dias. Obrigado pela dedicação, profissionalismo ímpar, carinho, companhia e parceria inabalável. Muito obrigado!

Antes de qualquer coisa agradeço a Deus por ter escolhido uma família maravilhosa para me ter e criar da melhor forma possível dentro das nossas possibilidades. Por eu ter tido a oportunidade de estudar desde sempre em colégio religioso, com bons valores e com professores maravilhosos – e quando digo professores não me restrinjo aos mestres de sala de aula, mas também ao pessoal da limpeza que sempre me ensinou a importância da humildade e do carinho com todos, às freiras bravas mas ao mesmo tempo fofas, que nos davam aquele limite que a gente tanto precisa ter na vida e às minhas amigas, que desde sempre estão comigo nos bons e maus momentos, sempre me incentivando e me levando mais longe.

Depois dessa época inesquecível e muito bem vivida, agradeço ao Ceub, porque mesmo sendo monstruosamente gigante e assustador perto das outras instituições pelas quais eu tinha passado, encontrei, lá no Bloco 12, a minha família. Do mesmo jeito que o Perpétuo foi a vida toda, o bloco de Comunicação se tornou a minha segunda casa, onde eu conheci pessoas tão maravilhosas quanto – como o Gélito, David, Bruno, Déia, Henrique, seu Jackson, Samuquito da edição, Aline, os cinegrafistas que nos aguentavam na bancada e nos VTs de rua e, claro, os professores maravilhosos que nos acompanharam nessa caminhada.

Entre eles, é claro que existe um especial, que nos faz perceber, dentro de tantas técnicas e teorias, a nossa verdadeira missão como jornalistas. Não é à toa que o tão querido Luiz Claudio Ferreira é quase que literalmente assediado pelos formandos. Agradeço por ter a honra de ser orientada nessa reta final por ele e espero que tudo o que fez por nós possa ser retribuído com muito orgulho ao longo da minha carreira.

Preciso citar também o meu companheiro de todas as horas, parceiro de jornalismo, de vida e de amor - Bruno Lourenço Antunes de Oliveira, coautor desse documentário e de todo o sucesso que eu vier a ter na vida. Obrigada por não deixar o meu estresse de TCC ser mais forte do que sua compreensão e seu carinho. Obrigada pela disposição de sempre e por me completar em absolutamente tudo.

Para finalizar, gostaria de agradecer à toda a equipe da TV Band e da BandNews FM por me dar a oportunidade de conviver por mais de três anos de estágio com o desafio e o prazer de fazer o bom jornalismo. Entre incêndios, remadas no lago, quilômetros de bicicleta, crises de cálculo renal e infinitas coisas vividas com eles, hoje tenho certeza de que é isso que eu quero para o resto da minha vida e que vou dar o melhor de mim, todos os dias, para ser cada vez mais útil a quem realmente precisa.

RESUMO

DE OLIVEIRA, Bruno Lourenço Antunes; OSORIO, Marcela Macedo Franco. **Sotaque Capital**, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2013. [Orientador: Prof MSc. Luiz Claudio Ferreira].

Além de documentário experimental e acadêmico, **Sotaque Capital** é um filme que foi produzido com a intenção de contribuir com a curiosidade de diversos públicos e com as pesquisas iniciais de estudantes nas áreas de linguística e fonoaudiologia. O sotaque é parte importante da formação da identidade cultural de um povo, além de forma de inserção e afirmação de uma origem. Por meio da linguagem é possível conhecer a história de uma cidade e das pessoas que lá vivem. Mais do que apenas a forma de pronunciar os fonemas da língua, o sotaque é cultura e assim como a própria língua, também está em movimento. O filme apresenta conceitos e opiniões sobre a formação do sotaque em Brasília, cidade nova e de história recente que precisou reunir brasileiros de todos os cantos para sair do papel.

Palavras-chave: Documentário, Sotaque, Identidade, História, Linguagem, Brasília.

ABSTRACT

DE OLIVEIRA, Bruno Lourenço Antunes; OSORIO, Marcela Macedo Franco. **Sotaque Capital**, 2013. Course conclusio work. (Bachelor in Social Communication, with degree in Journalism.) – Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2013. [Orientador: Prof MSc. Luiz Claudio Ferreira].

More than an academic and experimental documentary, **Sotaque Capital** is a film that was produced with the intention of contributing to the curiosity of many public and with the initials researches of students in the fields of linguistics and speech therapy. An accent is an important part of cultural indentity formation of a community and a way of insertion and claim of origins. Through language it's possible to learn about the history of a city and people who lives there. More than just a way of how language fonems are pronounced, an accent is culture, and as the language itself, isn't static. The movie shows opinions about how the accent was shaped in Brasília, a new and with a recent history town hat had to gather brazilians from all states to become real.

Keywords: Documentary, Accent, Identity, History, Language, Brasília.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 TEMA	11
1.2 OBJETO	11
1.3 OBJETIVOS	11
1.3.1 Geral	11
1.3.2 Específicos	11
1.4 JUSTIFICATIVA	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Linguagem audiovisual	12 e 13
2.2 O Documentário	13 e 14
2.3 Diferenças entre a reportagem e o documentário	14 e 15
2.4 A entrevista jornalística no documentário	15
3 CAMINHO DO TRABALHO	15
3.1 Pré-Produção: premissas de trabalho	16
3.2 Produção, realização e escolha das fontes.....	16 e 17
3.3 Edição e Finalização	17
4 CONCLUSÃO	17 e 18
5 REFERÊNCIA	18
6 APÊNDICE	19 a 28

1. INTRODUÇÃO

Brasília, capital do Brasil. A cidade planejada e criada para ser sede do Governo Federal recebe, desde antes da fundação, brasileiros de todos os cantos do país. Opositores à mudança da capital e outros mais incrédulos diziam que a cidade jamais daria certo, que com o passar dos anos seria uma cidade fantasma. Mas os pioneiros vieram. Não apenas para construir e trabalhar, mas para viver Brasília.

Mesmo com tanta miscigenação, não são raros os relatos de pessoas que dizem que o brasiliense não tem um sotaque próprio. Uns dizem que os nascidos e os criados na capital apenas se apropriaram dos modos de falar em outras regiões brasileiras. Outros por sua vez acreditam que sotaque de Brasília não existe.

O documentário, de caráter jornalístico, “Sotaque Capital” mostra diversas opiniões e conceitos de especialistas sobre o tema. O povo também foi ouvido e relata suas experiências e formas de ver e ouvir o sotaque tão diversificado que alguns acreditam já ser perceptível no dia a dia de Brasília.

A transformação do cerrado em cidade foi feita por homens e mulheres que deixaram para trás o lugar de origem, mas não abandonaram a cultura e os costumes. Pelo contrário, em Brasília compartilharam, difundiram e misturaram as tradições em um caldeirão cultural em que os ingredientes chegavam, em abundância, de todos os estados brasileiros.

Em 2013, Brasília completa 53 anos de idade. O último censo demográfico realizado pelo IBGE, em 2010, mostra que mais da metade dos dois milhões e meio de habitantes é nascida aqui no Distrito Federal. População jovem, que convive desde sempre com pessoas de todas as regiões do Brasil. Muitas vezes dentro da própria família – seja materna ou paterna – que veio de estados diferentes. Experiências, costumes e hábitos que também fazem parte da formação de um sotaque.

1.1 TEMA

O SOTAQUE EM BRASÍLIA – FILME DOCUMENTÁRIO

1.2 OBJETO

Projeto Experimental

Documentário sem fins lucrativos, de caráter acadêmico e experimental, sobre o processo de formação do sotaque em Brasília. O filme condensa argumentos e explicações de especialistas que contextualizam a história da capital como parte fundamental da formação da identidade cultural e, por consequência, da linguagem e marca do sotaque. Além disso, traz personagens que fazem parte da história e que vivem o jeito de falar do morador da capital. O filme foi produzido no ano em que a cidade completou 53 anos de inauguração e quando, segundo o IBGE, a maior parte da população já era nascida aqui. Uma das perguntas que nortearam o trabalho foi: “Já podemos dizer que de fato os brasilienses têm um modo de falar próprio?”.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

Este documentário tem como objetivo principal:

Questionar se já há, de fato, um modo de falar próprio de quem nasce e vive em Brasília.

1.3.2 Específicos

Além do questionamento principal, pretende-se com o produto o seguinte:

- Coletar registros e marcas típicas de estados que tiveram grande influência na construção da capital do país;
- Apontar, com apoio de especialistas, as tendências de evolução do sotaque dentro do caldeirão cultural do Distrito Federal.

1.4 JUSTIFICATIVA

Compreender o sotaque é uma forma de conhecer a história de uma região e de seus habitantes. É comum ouvir que quem nasce em Brasília não tem um sotaque próprio. Seja pelos falantes da capital não possuírem traços característicos aparentes ou pela dificuldade de compreender a mistura dos falares que compõem o modo de falar do brasileiro.

Não é costume das empresas jornalísticas, seja em grandes ou pequenos veículos, a abordagem de temas relacionados à identidade cultural. Assuntos como linguagem, fala e sotaques são lembrados apenas em datas comemorativas e de forma superficial. Tal abordagem não é capaz de demonstrar a importância destes aspectos para a formação de uma comunidade.

Quem cresceu em Brasília pode já ter se perguntado “Eu tenho um sotaque? Pessoas de outras regiões conseguem me identificar como brasileiro pelo modo como falo?” E a resposta, quando vinda de outras pessoas, muitas vezes é negativa.

O jornalismo conta histórias e tem como um dos objetivos informar. Contar a origem da formação de um sotaque em uma região nova como o Distrito Federal mostra ao habitante do Planalto Central um fragmento do processo de formação da sua identidade cultural e abre portas para o autoconhecimento.

Este documentário não é o primeiro trabalho sobre o tema, mas é um registro audiovisual que pode servir como inspiração e fonte de pesquisa para interessados em estudar a fala e o sotaque, não só do brasileiro, mas de qualquer lugar do Brasil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Linguagem Audiovisual

Como projeto experimental realizado com recursos audiovisuais, não se pode deixar de estudar qual é a melhor forma de abordar e transmitir o conteúdo no veículo escolhido.

Em seu livro *O Texto na TV – Manual de Telejornalismo*, Vera Íris Parternostro lembra que em telejornalismo o texto é escrito para ser falado (pelo locutor ou repórter) e ouvido (pelo telespectador). “Uma das características da televisão como veículo de comunicação é a *instantaneidade*. Isso significa que o receptor deve “pegar a informação de uma só vez”. Se isso

não acontece, o objetivo de quem está escrevendo, ou seja, transmitir a informação, fracassa. (Paternostro, 2009, p.189).

Ainda sobre a linguagem audiovisual, Vera Íris Paternostro destaca a importância do texto e da imagem caminharem juntos. “Para escrever um texto de TV, precisamos saber quais as imagens disponíveis que temos para serem coordenadas com as informações. Não podemos escrever uma palavra que seja, sem conhecer as imagens, ignorando-as. Temos de levar em conta que estamos trabalhando primordialmente com a imagem. Sem ela estaremos fazendo rádio, revista ou jornal”. (Paternostro, 2006, p.86).

E por falar em texto a autora acredita ser imprescindível, para a eficiência da mensagem, que a informação seja dada na ordem direta. Sujeito + verbo + predicado. Outro cuidado importante é quanto à rima. “A leitura em voz alta é uma regra fundamental para identificar palavras rimadas – as palavras em sequência com a mesma terminação. Essas palavras, em um texto impresso, podem não atrapalhar tanto, mas em um texto falado soam de forma desagradável” (Ibidem, p. 78).

2.2 O Documentário

Segundo o autor Doc Comparato em seu livro *Da Criação ao Roteiro*, imparcialidade é o princípio fundamental do documentário. O objetivo é informar sobre um acontecimento baseando-se apenas nos fatos. No documentário, o roteiro deve ser orientativo e servir como ponto de referência para as filmagens, pois, ao longo do percurso, novos elementos e ideias podem ser introduzidos.

Para o doutor em cinema pela Universidade Estadual de Campinas, Sérgio Puccini, justamente por estar aberto a mudanças e interferências, o documentário é um gênero que exige preparo para a realização. “Saber antecipadamente o que interessa filmar, e como filmar, impede que o documentarista desperdice tempo de filmagem com tomadas aleatórias de eventos que mais tarde, durante a montagem, se revelarão de nenhum interesse para o filme.” (PUCCINI, 2009, p.189).

Ainda de acordo com Comparto, o tema de um documentário nunca se encerra. Os fatos devem ser mostrados do máximo de pontos de vista possíveis, para que o espectador faça as interpretações. O objetivo não é convencê-lo, mas sim fazer com que reflita sobre o tema e faça suas próprias conclusões.

(NICHOLS, 2005, p.135) apresenta seis tipos de documentário. De acordo com ele esta divisão serve para perceber as diferentes formas de construção do filme, mas mesmo distintas, elas podem coexistir no mesmo filme. Os diferentes modos são:

Poético: sem preocupação com a linearidade, o documentário poético releva a importância da argumentação e localização no tempo e espaço.

Expositivo: segue um padrão linear, com fragmentos conectados em uma estrutura retórica e argumentativa.

Observativo: o cineasta procura não interferir nos acontecimentos. É caracterizado pela não utilização de legendas e de narração. A proposta é mostrar “a vida como ela é”.

Participativo: ao contrário do documentário observativo, há a interferência e até a demonstração do ponto de vista do cineasta e o uso de entrevistas.

Reflexivo: tem objetivo de criar um diálogo entre cineasta e espectador. Questiona as responsabilidades e consequências da produção do filme.

Performático: mais subjetivo, combina real e imaginário, que tem peso maior do que argumentos lógicos e lineares.

2.3 Diferenças entre a reportagem e o documentário

Assim como a reportagem para televisão, o documentário também busca tratar os temas determinados de forma aprofundada. Para isso, ambos se utilizam do registro de sons e imagens.

Em seu livro *Jornalismo Televisivo*, Jean-Jacques Jasper define que a fala em primeira pessoa, presente no documentário, “confessa a sua subjetividade, enquanto a grande-reportagem ou o inquérito a escondem sob uma pretensão à universalidade” (JESPERS, 1998, p.175).

No telejornal existem regras bem definidas para a escolha do conteúdo que será exibido. No documentário, são inexistentes as limitações nesse sentido. O documentarista pode escolher o tema que bem entender. “As temáticas abordadas podem respeitar a qualquer aspecto da vida das pessoas e dos acontecimentos do mundo (...); ou seja, aqui não é necessário que chegue o verão para se falar sobre incêndios” (PENAFRIA, 1999, p.24).

Na reportagem para televisão as imagens servem para confirmar e ilustrar o que é dito por entrevistados e jornalistas. A narração em *off*, sempre sobreposta às imagens, explica ao espectador as imagens na tela. Já no documentário, o texto em *off* não é obrigatório. “(...) no documentário a imagem não é utilizada com fins meramente ilustrativos ou para confirmação do

que é dito; a exploração do seu lado conotativo é o que de mais importante o documentário imprime nas imagens que utiliza. São elas o elemento essencial do documentário e que se sobrepõem ao que possa ser dito”. (PENAFRIA,1999, p.23).

2.4 Entrevista jornalística no documentário

Ao contrário do telejornalismo, no documentário não há uma preocupação constante com o tempo. Essa particularidade do gênero permite que sejam gravadas horas de relatos. “O tempo vai sendo definido de acordo com a perspectiva de sentido que o documentarista quer conferir ao seu trabalho. Assim, alguns documentários têm apenas alguns minutos, enquanto outros atingem horas” (GRANDE, 2004, p.39).

Ao se afastar dos procedimentos utilizados em matérias jornalísticas, o documentário oferece, com um formato não limitador, outro meio do espectador enxergar a realidade narrada.

Como a função da entrevista no documentário é outra, o documentarista não deve direcionar o entrevistado, o que é comum no telejornalismo. O entrevistador deve passar confiança pois o entrevistado, muitas vezes, terá reações inesperadas. O entrevistador deve obter os dados e envolver o entrevistado na história do documentário, sem se envolver por completo na vida dele. “O que pode parecer, visto de fora, um simulacro de complacência, corresponde de fato a um difícil trabalho de escuta, de atenção e de deciframento” (LEJEUNE, 2008, p.156).

3. CAMINHO DO TRABALHO

O filme foi desenvolvido por três eixos principais:

- a) Pesquisa bibliográfica sobre o assunto
- b) Escolha de entrevistados (previamente com os especialistas e aleatoriamente com personagens)
- b) Produção e edição do conteúdo

Foi a partir desses caminhos que o filme foi enxergado e, no nosso caso, ouvido. Dar voz a uma variedade maior de personagens, mesmo aqueles não utilizados no trabalho, possibilitou um olhar que misturou o objetivo ao instintivo a fim de concluir o trabalho.

3.1 Pré-Produção: premissas de trabalho

A ideia surgiu de um incômodo pessoal em relação ao estereótipo existente em torno do modo de falar de Brasília. Quando visitávamos outras regiões do Brasil dificilmente éramos reconhecidos como brasilienses. A feição indecisa das pessoas quando nos ouviam falar era quase constante – o que acabou despertando a dúvida sobre a existência ou não do sotaque.

Depois que o tema foi definido, pensamos como faríamos para filmar o projeto. Após a escolha do equipamento, entramos em contato com os especialistas por meio de ligações e e-mails, coletamos dados e percebemos que o interesse pelo tema era maior do que havíamos imaginado no começo.

A princípio, em outubro de 2012, havíamos optado por um tema diferente, mas devido a alguns contratempos tivemos que mudar a abordagem do trabalho. Portanto, foi no começo de 2013 que decidimos estudar o sotaque. Teorias sobre os métodos utilizados na produção do projeto experimental nos ajudaram a adquirir conhecimento para, enfim, colocar a mão na massa.

3.2 Produção, realização e escolha das fontes

Com a câmera, o microfone e tripé em mãos, fizemos as primeiras imagens antes mesmo da primeira entrevista. Na rodoviária do Plano Piloto, por onde passam mais de 600 mil pessoas por dia, coletamos opiniões de gente vinda de diversos pontos do Distrito Federal e do Brasil sobre o modo de falar na capital. Em pontos turísticos da cidade demos mais atenção para quem vem de fora e as impressões deixadas pelos brasilienses em seus ouvidos.

Acreditamos que seria interessante um registro da primeira pessoa nascida em Brasília. Brasília Maria, a escolhida para um relato de quem vive aqui desde o início, nasceu em 21 de abril de 1960, dia em que a cidade foi inaugurada. Como primeira brasiliense, Brasília Maria convive desde o nascimento com pessoas das mais diferentes naturalidades.

O historiador Adirson Vasconcelos chegou a Brasília como repórter, para cobrir a primeira missa realizada na cidade, antes mesmo da inauguração. Foi repórter do jornal Correio Braziliense e tem diversos livros publicados sobre a história da cidade. Atualmente é membro da Academia Brasiliense de Letras.

Stella Maris Bortoni é linguista, professora da UnB e co-autora do livro *O Falar Candango*, publicado pela editora UnB. O livro é um registro escrito com estudos sobre a forma de falar no DF.

Para exemplificar e demonstrar na prática os principais traços do sotaque brasileiro convidamos a fonoaudióloga Michelli Ferreira. A profissional trabalha no Hospital das Forças Armadas e lida diariamente com essas questões.

3.3 Edição e finalização

Após a conclusão das gravações e decupagem das sete fitas, selecionamos tudo o que gostaríamos de utilizar e ordenamos em arquivos digitais para facilitar o processo de montagem final. Como todos os áudios, vídeos e as fotos que iriam ser usados já estavam em ordem de acordo com o prescrito no roteiro, a edição foi simples.

Passamos três noites editando com a equipe do UniCEUB – e durante a montagem surgiram novas ideias. Depois de concluído, extraímos o áudio do filme e masterizamos no estúdio de rádio também da faculdade para recolocarmos no documentário com uma qualidade superior à original.

Salvamos uma, duas e pelo menos cinco vezes depois para ter certeza de que tudo sairia como planejado.

4. CONCLUSÃO

Como moradores de Brasília há pelo menos vinte anos, já fomos muitos indagados sobre o fato de falarmos de um jeito “diferente” das pessoas que vivem em outros estados do país. Como em 2012 havíamos feito um projeto na disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa sobre um documentário que trataria do processo de aculturação dos índios no Distrito Federal, que acabou não dando certo, pensamos em pesquisar ainda sobre algum assunto relativo à região em que vivemos e da qual tanto gostamos. Foi assim que depois de muito pensar, chegamos ao tema.

Ir pelo menos 15 vezes à Rodoviária do Plano Piloto, por onde passam milhões de pessoas de todos os cantos do país por dia, aos pontos turísticos e a lugares que nem conhecíamos foi uma forma de nos interessarmos pelo tema cada vez mais, porque as opiniões divergem muito e isso contribui até para a nossa forma de pensar sobre o assunto e inclusive de direcionar outras questões aos especialistas no momento das entrevistas.

De acordo com a premissa de Comparato, o objetivo não é convencer o espectador. A ideia de mostrar diversas opiniões sobre o sotaque brasileiro serve para intrigar quem assiste ao filme.

Afinal, como é o sotaque brasiliense? Ele existe mesmo? A partir disso selecionamos especialistas que explicam sobre como os diversos modos de falar se misturaram em Brasília e que apontam tendências e características de fala que podem ser percebidas na capital, mas não colocam um ponto final ao assunto.

Depois de concluída a edição no UniCEUB, foi perguntado aos funcionários que participaram do trabalho o que eles acharam. Uma “resposta” que nos fez ter certeza de que contribuimos de alguma forma foi a da editora Aline Santiago. “E aí, será que brasiliense tem ou não tem sotaque? Nunca tinha pensado sobre isso”.

5. REFERÊNCIAS

COMPARATO, Doc. Da criação ao roteiro. Lisboa: Editora Pergaminho, 1992.

GRANDE, Airton Miguel de. Sujeitos barrados: a voz do infrator em dez documentários brasileiros.

JESPERS, Jean-Jacques. Jornalismo televisivo. Coimbra: Minerva, 1998.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na TV - Manual de Telejornalismo. Brasil: Editora Campus, 2006.

PENAFRIA, Manuela. O filme documentário. História, identidade, tecnologia. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

PENAFRIA, Manuela. Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 1999. Disponível em www.bocc.ubi.pt

PERES, Silvia Peres. O formato e a linguagem dos documentários produzidos sobre a cidade de São Paulo.

PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: Da pré produção a pós-produção. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

6. APÊNDICE

BRASÍLIA MARIA – 1ª pessoa nascida em Brasília

- Você acha que fala de uma forma diferente das pessoas que vieram de outros estados do Brasil?
- O que é ser brasiliense?
- Você acha que sua fala é próxima à de outra cidade?
- Quando você sai de Brasília, as pessoas percebem o seu sotaque? Ou você estranha o sotaque delas?
- Como era antigamente? Você convivia com pessoas de todos os cantos do Brasil. Existia preconceito? Como você percebe isso atualmente? Acha que os brasilienses já sentem que têm um jeito próprio de falar? Você tinha muitos amigos nascidos aqui?
- Que tipo de expressões você adquiriu e que percebe que são de lugares completamente diferentes do país? (uai, bah, neah, oxente)
- Seus filhos, que são de pai piauiense, falam de uma forma diferente da sua? Por que você acha que isso aconteceu?

STELLA MARIS BORTONI – linguista

- As pessoas nascidas no DF têm um sotaque próprio?
- Como funciona o processo de formação da língua de um povo? Mais especificamente aqui no DF, onde desde sempre existem pessoas das mais diversas regiões do Brasil.
- Quais são as principais influências que podem ser percebidas no sotaque brasiliense? E as que são menos nítidas?
- A ideia do não sotaque é um mito positivo ou negativo para o brasiliense? O não sotaque como não identidade?

- Você acredita que sempre existiu, ou agora é que os jovens têm um certo preconceito com o sotaque de quem vem de fora? Isso acontece porque já nos sentimos donos de uma forma de falar?

- Sotaque e jeito de falar é a mesma coisa?

- Por que as pessoas nascidas e criadas em diferentes cidades satélites falam e se expressam de jeitos diferentes?

- O que influencia mais no sotaque de uma região ou de uma pessoa? A família? Os amigos? Televisão? Escola? Musicas?

- O sotaque das próximas gerações brasilienses vai ser mais perceptível e mais forte do que o nosso?

ADIRSON VASCONCELOS – historiador

- O falar do brasiliense (não só de quem nasceu, mas de quem vive aqui) mudou muito ao longo dos anos?

- Como era na época da construção da cidade?

- Dentro do panorama histórico, 60 anos é um tempo curto para um lugar ser reconhecido como transformador? Isso pode ser compreendido na linguagem? São mudanças bruscas que fazem história, mas fazem a cultura?

MICHELLI FERREIRA – fonoaudióloga

;- Como funciona o processo de identificação de um sotaque? Isso já acontece quando um brasiliense fala com alguém de fora? Já é possível perceber?

- É possível não ter um sotaque?

- Existe a possibilidade de um sotaque ser anulado?

- Como é a formação do sotaque na vida das pessoas? Quando começa a acontecer? Ainda na infância?

6.1 Roteiro

(IMAGEM)	(TRILHA)
00:00 – 00:06 TELA PRETA (01 ÁUDIO TELA PRETA 32")	1 SOM DE BURBURINHO
00:06 – 00:10 FADE IN NA IMAGEM DO TRAÇADO ORIGINAL DE BRASÍLIA – (02 FOTO 1)	2 CONTINUA SOM DE BURBURINHO
00:10 – 00:32 VÍDEO ARQUIVO PÚBLICO COM NARRAÇÃO (03 VÍDEO 1)	3 ÁUDIO NARRAÇÃO
00:32 – 00:37 EFEITO “NÃO HAVIA NADA”	4 ÁUDIO EFEITO
00:37 – 01:19 CAOS	5 (BOM TEMA SUSPENSE 2)
ÔNIBUS DE BRASÍLIA ARQUIVO PÚBLICO - (04 VÍDEO 2)	
BURACO DO TATU 1 - (05 VÍDEO 3)	
FOGUETE PARQUE DA CIDADE - (06 VÍDEO 4)	
EIXO-ESPLANADA DE COSTAS NO PÔR DO SOL - (07 VÍDEO 5 ATÉ 10")	
EIXO-ESPLANADA DE FRENTE NO PÔR DO SOL - (07 VÍDEO 5 ATÉ FINAL)	
SUPERQUADRA 316 NORTE - (08 VÍDEO 6)	
MISSA ARQUIVO PÚBLICO - (09 VÍDEO 7)	
CATEDRAL - (10 VÍDEO 8)	
PESSOAS CORRENDO NO PARQUE DA CIDADE - (11 VÍDEO 9)	
SALA DE AULA ARQUIVO PÚBLICO - (12 VÍDEO 10)	
MUSEU SKATE - (13 VÍDEO 11)	
PESSOAS EM DIREÇÃO AO CONIC - (14 VÍDEO 12)	
BURACO DO TATU 2 - (15 VÍDEO 13)	
MÃE COM FILHA NO CAMPÃO DA SQN 316 - (16 VÍDEO 14)	

<p>FACHADA SQN 316 BLOCO H - (17 VÍDEO 15)</p> <p>RAMPA MUSEU NACIONAL – PESSOAS DESCENDO - (18 VÍDEO 16)</p> <p>EIXO-ESPLANADA DE COSTAS PELA MANHÃ - (19 VÍDEO 17)</p> <p>EIXO-EXPLANADA DE COSTAS À NOITE - (20 VÍDEO 18)</p> <p>MUSEU TRÊS HOMENS CAMINHANDO - (21 VÍDEO 19)</p> <p>PESSOAS CAMINHANDO PARALELO AO CONJUNTO NACIONAL – À NOITE - (22 VÍDEO 20)</p> <p>CONGRESSO NACIONAL ARQUIVO PÚBLICO - (23 VÍDEO 21)</p>	
<p>01:19 – 01:24 CARTELA EM TELA PRETA COM A FRASE: “O JEITO QUE AS PESSOAS FALAM TEM MUITO A VER COM A HISTÓRIA DE UMA CIDADE”</p>	<p>6 SEM SOM</p>
<p>01:24 – 01:35 MOSAICO COM BOCAS</p>	<p>7 SOM ORIGINAL DAS BOCAS FALANDO</p>
<p>01:35 – 01:41 TÍTULO: SOTAQUE CAPITAL</p>	<p>8 TRILHA (CLEAR) SE SOBREPÕE AO SOM DAS BOCAS</p>
<p>01:41 – 01:57 POVO FALA</p>	<p>9 “O BRASILIENSE ELE FALA EMBALHARADO. TEM HORA QUE ELE FALA DEVAGAR, TEM HORA QUE ELE FALA RÁPIDO, TEM HORA QUE ELE EXPRESSA UM SOM DE BAIANO, “Ô SÔ”.</p> <p>“É UMA COISA ASSIM... PEGA UM POUQUINHO DE CADA”</p> <p>“É UMA SALADA DE FRUTAS”</p>

<p>01:57 – 02:23 GC: ADIRSON VASCONCELOS - historiador</p> <p>29 FOTO H1 – DE “ACOLHIMENTO” ATÉ “A QUEM CHEGAVA”</p> <p>31 VÍDEO H1 – DE “PAU DE ARARA” ATÉ “E DE GOIÁS”</p> <p>02:23 – 02:37 GC: BRASÍLIA MARIA – 1ª pessoa nascida em Brasília</p> <p>32 FOTO H3 - DE “A CIDADE LIVRE” ATÉ “TODOS OS ESTADOS”</p> <p>02:37 – 02:59 GC: STELLA MARIS BORTONI - linguista</p> <p>02:59 – 03:10 VOLTA MOSAICO COM BOCAS</p> <p>03:10 – 03:35 GC: LUIZ CLEMENTINO – há 51 anos em Brasília</p> <p>03:35 – 03:43 ARNALDO JORGE DA SILVA</p>	<p>“NÃO TEM UM SOTAQUE SÓ”</p> <p>“BRASÍLIA REALMENTE É UMA MISCELÂNEA”</p> <p>10 “O TERMO É INTEGRAÇÃO E ACOLHIMENTO. HAVIA UM GRANDE ACOLHIMENTO A QUEM CHEGAVA. E HAVIA UM GRANDE ESPÍRITO DE SOLIDARIEDADE ENTRE TODOS. OS TRABALHADORES, PAU DE ARARA, QUE CHEGAVAM LÁ DO NORDESTE, ATÉ DE MINAS E DE GOIÁS, QUANDO ELES CHEGAVAM HAVIA UM PONTO CERTO. ERA A CIDADE LIVRE. A CIDADE LIVRE ERA O GRANDE CENTRO. HOJE É O NÚCLEO BANDEIRANTE”.</p> <p>11 “O PESSOAL TAVA CHEGANDO, A CIDADE LIVRE ERA PEQUENA, NÉ, E O PESSOAL CHEGAVA DE TODOS OS ESTADOS PRA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA. PORQUE ONDE TÁ CONSTRUINDO UMA CIDADE NOVA O PESSOAL PENSAVA LOGO “VAMOS PARA LÁ PORQUE TEM EMPREGO”.</p> <p>12 “AS PESSOAS VEM, TRAZEM SUAS MARCAS MAIS TÍPICAS, MAS ELAS NÃO SE PRESERVAM AQUI. COM POUCOS ANOS EM QUE A PESSOA ESTÁ AQUI ESSAS MARCAS DESAPARECEM DA SUA FALA – PRINCIPALMENTE SE A PESSOA CHEGOU AQUI EM UMA IDADE MAIS JOVEM”.</p> <p>13 SOM ORIGINAL DAS BOCAS FALANDO</p> <p>14 “EU SOU DE SALVADOR, VIM PRA CÁ QUANDO TINHA 13 ANOS DE IDADE, ESTUDEI, FORMEI AQUI EM BRASÍLIA, MINHA BASE DO MEU TRABALHO É AQUI EM BRASÍLIA. DURANTE TODOS ESSES ANOS EU DE UMA CERTA FORMA PERDI O SOTAQUE DE BAIANO, AS PESSOAS NÃO ME RECONHECEM, QUANDO EU FALO, COMO SE EU FOSSE UM BAIANO”.</p> <p>15 “MEU NOME É ARNALDO JORGE DA SILVA, NASCI NA PARAÍBA, ESTOU COM 40 ANOS DE BRASÍLIA E NUNCA PERDI</p>
--	--

<p>03:43 – 04:33 VOLTA STELLA MARIS BORTONI</p>	<p>O SOTAQUE DA PARAÍBA.”</p> <p>16 “NÓS SOMOS UM PÓLO DE RECEPÇÃO DE IMIGRANTES./ NA LITERATURA INTERNACIONAL SOBRE ESSA MOBILIDADE ESPACIAL DAS POPULAÇÕES FICA MUITO CLARO QUE QUALQUER ÁREA QUE HAJA O CONTATO, A CONVIÊNCIA DOS MAIS DIVERSOS MODOS DE FALAR, NESSAS ÁREAS HÁ UMA TENDÊNCIA A UMA AMÁLGAMA DESSES MODOS DE FALAR COM O DESAPARECIMENTO DE TRAÇOS MAIS TÍPICOS”.</p>
<p>04:33 – 05:12 VOLTA ADIRSON VASCONCELOS</p> <p>40 FOTO H21 - DE “E ESSA RÁDIO NACIONAL” ATÉ “DE TODOS NÓS”</p> <p>41 FOTO H22 – DE “ENTÃO ELA PROMOVIA” ATÉ “ESSA INTEGRAÇÃO”</p>	<p>17 “EXISTIA AQUI, A PARTIR DE, CINQUENTA E OITO, UMA RÁDIO: RÁDIO NACIONAL. E ESSA RÁDIO NACIONAL FEZ UMA INTEGRAÇÃO MUITO GRANDE DE TODOS NÓS PORQUE TOCAVA TODAS AS MÚSICAS DESSAS REGIÕES. TOCAVA A GUARÂNIA, TOCAVA AQUELA MÚSICA ARRASTADA DE GOIÁS, TOCAVA O BAIÃO DO NORDESTE E MÚSICAS DO RIO GRANDE DO SUL. ENTÃO ELA PROMOVIA MUITO ESSA INTEGRAÇÃO E, ALÉM DESSA INTEGRAÇÃO, ELA PROMOVIA A REMESSA DE RECADOS DAQUELES CANDANGOS PARA SEUS FAMILIARES NOS ESTADOS, ETC E RECEBIA TAMBÉM MENSAGENS, DE MODO QUE ISSO TUDO CONTRIBUÍA PARA QUE HOUVESSE MAIS MISTURA ENTRE AS PESSOAS E MAIS SOLIDARIEDADE”.</p>
<p>05:12 – 05:53 – ENTREVISTA BRASÍLIA MARIA</p>	<p>18 “ISSO VOCÊ ACHA QUE CONTRIBUIU PRA MISTURAR OS SOTAQUES DE TODO MUNDO? PRA CRIAR ESSE SOTAQUE BRASILIENSE, QUE É DIFERENTE? OLHA, PRA TE FALAR A VERDADE EU NEM SEI NA REALIDADE. É TUDO MISTURADO. AQUI EM CASA MESMO EU TENHO DOIS MENINOS. UM EU ACHO QUE PUXOU O SOTAQUE DO PAI, QUE É NORDESTINO, QUE É MAIS PRO LADO DO NORDESTE E O OUTRO PUXOU MAIS O MEU SOTAQUE – ENTÃO DE CERTO O MEU SOTAQUE É BRASILIENSE. E COMO É QUE É ESSE SOTAQUE BRASILIENSE, COMO É QUE VOCÊ ACHA QUE É? A GENTE AINDA NÃO DÁ ASSIM PRA PODER SABER COMO É O SOTAQUE BRASILIENSE.A</p>

<p>05:53 – 06:03 – MOSAICO COM BOCAS</p> <p>06:03 – 06:10 - POVO FALA 2</p> <p>06:10 – 07:07 GC: MICHELLI FERREIRA – fonoaudióloga</p> <p>07:07 – 07:26 POVO FALA 3</p>	<p>SENHORA ACHA QUE TEM UM SOTAQUE? TEM, AS VEZES EU FALO COISA AQUI QUE EU FICO PENSANDO “NÃO É NORDESTINO, NÃO É DE COISA, DEVE SER BRASILIENSE”.</p> <p>19 SOM ORIGINAL DAS BOCAS FALANDO</p> <p>20 “EU ACHO QUE O BRASILIENSE NÃO TEM SOTAQUE”</p> <p>“EU ACREDITO QUE NÃO TEM SOTAQUE NÃO”</p> <p>“NÃO... BRASILIENSE NÃO TEM SOTAQUE”</p> <p>21 “NÃO É POSSÍVEL ALGUÉM NÃO TER SOTAQUE, PORQUE O SOTAQUE, ELE É A MANEIRA PARTICULAR DE CADA INDIVÍDUO NA SUA LÍNGUA PRONUNCIAR OS FONEMAS DAQUELA LÍNGUA. ENTÃO EM TODAS AS REGIÕES DO PAÍS ONDE SE FALA UMA DETERMINADA LÍNGUA VAI HAVER SOTAQUE PRAQUELA REGIÃO. POR EXEMPLO, NÓS TEMOS AQUI EM BRASÍLIA UMA CIDADE QUE FOI POVOADA COM A POPULAÇÃO DE DIVERSOS ESTADOS BRASILEIROS, ENTÃO ELA VAI RECEBER INFLUÊNCIA DE TODOS ESSES ESTADOS. TANTO DA REGIÃO NORDESTE, COMO SUL, COMO SUDESTE. É CLARO QUE NÓS TEMOS UMA PREVALÊNCIA MAIOR DAS PESSOAS DE MINAS, PELA PROXIMIDADE, DE GOIÁS, E TAMBÉM PELOS NORDESTINOS QUE VIERAM CONSTRUIR A CAPITAL DO PAÍS. ENTÃO NÃO TER SOTAQUE – ISSO NÃO ACONTECE”.</p> <p>22 “É UM SOM MAIS LIMPO, DIFERENTE DE QUANDO TEM UMA PESSOA QUE TEM SOTAQUE ELA TEM AQUELE AR MAIS CARREGADO, ELA FALA MAIS CARREGADO”.</p> <p>“AH, DÁ PRA MEIO CONFUNDIR COM O BAIANO. É MEIO BAIANISENSE ASSIM, NÉ... É DIFERENTE O SOTAQUE”.</p> <p>“ELES TAMBÉM ENCURTAM AS</p>
---	--

<p>07:26 – 08:07 VOLTA MICHELLI FERREIRA</p>	<p>PALAVRAS, TROCAM AS LETRAS”.</p> <p>23 “É MUITO COMUM VOCÊ OBSERVAR O ENCURTAMENTO DAS PALAVRAS. O QUE SERIA ESSE ENCURTAMENTO? ALGUNS SONS, ALGUNS FONEMAS QUE SÃO DITOS DE MANEIRA BASTANTE NÍTIDA POR OUTROS SOTAQUES, NA REGIÃO DE BRASÍLIA ELES SÃO ENCURTADOS. O ÉRRE SE PERDE, O FINAL DA PALAVRA FICA SUPRIMIDO. DANDO ÀS VEZES A IMPRESSÃO DE QUE O BRASILIENSE FALA RÁPIDO. QUE NÃO SE TRATA DO FALAR RÁPIDO E SIM DE ENCURTAR A PALAVRA, DE PERDER ALGUNS SONS DA PALAVRA. A GENTE PODERIA CHAMAR ISSO DE OMISSÃO DE FONEMAS. MAS ISSO NÃO É FEITO DE FORMA CONSCIENTE. ISSO JÁ É UMA CARACTERÍSTICA DO SOTAQUE”.</p>
<p>08:07 – 08: 13 POVO FALA 4</p>	<p>24 “EM UM LUGAR VOCÊ ENCONTRA UMA PESSOA COM O SOTAQUE BAIANO, VOCÊ VAI EM OUTRO E VOCÊ ENCONTRA UMA PESSOA COM O SOTAQUE PERNAMBUCANO”.</p>
<p>08:13 – 08:42 VOLTA STELLA MARIS BORTONI</p>	<p>25 “O QUE ACONTECE É QUE HÁ UM NÚMERO TÃO GRANDE DE FALANTES QUE TROUXERAM CONSIGO AQUELE SOTAQUE, AQUELES MODOS DE FALAR, QUE ENTÃO AS REDES SOCIAIS ACABAM SENDO CONSTITUÍDAS COM MUITOS FALANTES COM AQUELE SOTAQUE, ENTÃO HÁ MAIS OCORRENCIA DE MODELOS COM AQUELE SOTAQUE”.</p>
<p>08:42 – 08:47 VOZ DA REPÓRTER</p>	<p>26 “E EXISTE ALGUM TRAÇO QUE PERMITA QUE A GENTE PERCEBA DE ONDE A PESSOA É?”</p>
<p>08:47 – 09:28 VOLTA MICHELLI FERREIRA</p>	<p>27 “EXISTE SIM. O ÉRRE, O FONEMA ÉRRE, ELE É EXTREMAMENTE VARIANTE EM TODAS AS REGIÕES DO PAÍS. PALAVRAS QUE TEM O ÉRRE MARCANTE EM VÁRIAS POSIÇÕES DA PALAVRA, SEJA NO INÍCIO, NO MEIO OU NO FIM, SÃO PALAVRAS ONDE A GENTE CONSEGUE PERCEBER MELHOR O SOTAQUE DO FALANTE. AGORA O “É” É ABERTO, OU O “Ê” FECHADO, O “N” DE ENDO, FAZENDO, COMENDO, SÃO</p>

<p>09:28 - 09:34 VOLTA VOZ DA REPÓRTER</p> <p>09:34 - 09:37 VOLTA MICHELLI FERREIRA</p> <p>09:37 - 10:00 FRASE SOTAQUE</p> <p>10:00 - 10:02 - PERGUNTA FINAL</p> <p>10:02 - 10:17 COMEÇA TELA PRETA DE CRÉDITOS:</p> <p>“QUANDO ESTE FILME FOI PRODUZIDO, A CAPITAL DO BRASIL TINHA 53 ANOS DE HISTÓRIAS VIVIDAS, ESCRITAS E FALADAS DO NOSSO JEITO”</p> <p>“SOTAQUE CAPITAL”</p> <p>“ESTE FILME É APRESENTADO COMO REQUISITO PARCIAL PARA BACHARELADO EM JORNALISMO PELO UNICEUB”</p> <p>“ROTEITO, DIREÇÃO, PRODUÇÃO E ENTREVISTAS: BRUNO LOURENÇO E MARCELA FRANCO”</p> <p>“ORIENTAÇÃO: PROFº LUIZ CLAUDIO FERREIRA”</p> <p>“IMAGENS: BRUNO LOURENÇO, MARCELA FRANCO E ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL”</p> <p>“EDIÇÃO: ALINE SANTIAGO, SAMUEL DE ANDRADE E THAIS CUNHA”</p> <p>“MASTERIZAÇÃO: CHRISTIAN BONILHA E GLEYSON NASCIMENTO”</p> <p>“COORDENAÇÃO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: HENRIQUE</p>	<p>PALAVRAS BASTANTE MARCANTES, COM TRAÇOS DE SONORIDADE ONDE É POSSIVEL IDENTIFICAR O SOTAQUE DO FALANTE”.</p> <p>28 “E TEM ALGUMA FRASE QUE FAÇA A GENTE PERCEBER QUE A PESSOA É DE BRASÍLIA?”.</p> <p>29 “EU VOU SUGERIR UMA FRASE PRA VOCÊS”.</p> <p>30 “O AEROPORTO É UM LUGAR DE CHEGADAS E PARTIDAS, EMOÇÕES E REENCONTROS”</p> <p>31 “E AÍ, ENTENDEU?”</p> <p>32 (AO SOM DE “CLEAR”)</p>
--	---

<p>MOREIRA”</p> <p>10:17 – 10:23 LOGO UNICEUB</p>	<p>33 (CLEAR)</p>
--	--------------------------